



## RESENHA

Nubia Hanciau<sup>1</sup>

BERND, Zilá. *A persistência da memória em textos literários*. Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Edições BesouroBox Ltda, 2018, 172 p. ISBN: 178-85-5527-075-8

O que fazer da poderosa prescrição “Lembra-te!” (em francês *souviens-toi*), que baliza de várias maneiras o futuro de muitas pessoas e coletividades? Aceitar a rememoração como um compromisso de honra, provindo dos pais, ou desfazer-se, como se desfaz de uma herança que incomoda? Qual a natureza do vínculo a estabelecer com os ancestrais a fim de respeitar sua memória e conquistar um do coração e do espírito, que atravessa as noites do esquecimento? Questionar a memória não seria uma forma de buscar os pedaços

---

<sup>1</sup> Professora aposentada. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: nubiajh@gmail.com

de uma identidade que se dispersa e se perde?

Não há respostas simples a essas universais e eternas perguntas. Existem, contudo, algumas propostas que parecem próprias e razoáveis, e que podem endossar a aparente irreconciliação das forças do passado e do futuro na organização do presente. Se não se pode ao mesmo tempo abraçar e rejeitar o passado, é preciso pelo menos ultrapassar este dilema, colocando o problema de maneira diferente.

A professora, pesquisadora e escritora Zilá Bernd<sup>2</sup>, que já publicou um número expressivo de livros, artigos e Dicionários em língua portuguesa e francesa, referência em sua especialidade, a literatura, propõe esta obra de grande atualidade para transmitir aos estudiosos, de maneira singular, pesquisas aprofundadas a respeito da memória. Em *A persistência da memória em textos literários*, Rita Olivieri-Godet, professora titular de literatura brasileira da Université Rennes 2, antecipa no Prefácio o que o conjunto de textos deste livro oferece ao leitor. Ela diz: “O olhar perspicaz da renomada comparatista brasileira entrelaça magistralmente teoria e críticas literárias, fazendo uso de conceitos operacionais que iluminam o amplo e diverso *corpus* literário e as problemáticas por ele levantadas” (p.11). De fato, os textos reunidos nesta coletânea recuperam os vestígios de uma memória longa reprimida pelo poder hegemônico, exploram a

---

<sup>2</sup> Professora do PPG Memória Social e Bens Culturais, Universidade LaSalle/Brasil. Pesquisadora 1B – CNPq. Officière de l’Ordre National du Québec. Chercheur associé de l’ERIMIT - Équipe de recherche interlangue: mémoire, identité, territoire. Université Rennes 2 (França). Organizadora, notadamente, do *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (2007), *Dicionário das mobilidades culturais* (2010) e de sua versão ampliada, *Glossaire des mobilités culturelles* (2014).

associação entre memória cultural e memória geracional, enfatizando a questão da transmissão ao longo das três partes nas quais Zilá Bernd organiza suas reflexões. É também importante reforçar o foco, que se situa em textos literários que englobam o contexto das três Américas, “imensa encruzilhada (...) lugar de trocas, de transferências e de diferentes processos de hibridização cultural” (p.121), e as confluências teóricas que despertam.

**Na primeira parte**, denominada “Anterioridades/Interioridades”, seguindo a **Apresentação** da autora, estão em pauta questões relativas às memórias cultural e inter e transgeracional, estudadas em romances memoriais, de filiação e da transmissão, com o objetivo de mostrar a evolução do caráter de interioridade (escritas do “eu”) ao de anterioridade (escritas de filiação), segmento este que culmina com “Notas para uma teoria da transmissão”. **Já na segunda parte**, mantendo a perspectiva comparada, com base na explanação teórica do segmento anterior, são tratados os modos de transmissão intergeracional e transgeracional, e de compartilhamento, em romances da literatura brasileira atual. São estudados em maior profundidade, na sequência, romances oriundos do Brasil, das Antilhas e do Canadá.

São objeto de análise as obras de Adriana Lisboa (*Azul corvo*), Conceição Evaristo (*Olhos d'água*) e Eliane Brum (*Meus desacomodamentos*) (2.1); André e Simone Schwartz-Bart (*La mulâtresse solitude*) e Ana Maria Gonçalves (*Um defeito de cor*) (2.2); Cíntia Moscovich (*Por que sou gorda mamãe?*), Louise Dupré (*L'album multicolore*) e Francine Noël (*La femme de ma vie*) (2.3); Catherine Mavrikakis (*Le ciel de Bay City* e *Fleurs de crachat*) e Tatiana Salem Levi (*Paraíso*) (2.4); e as crônicas de um de nossos “escritores enciclopédicos” (p. 114) Moacyr Scliar (publicadas em *A poesia das coisas*

*simples* e *Território da emoção*) (2.5). Mesmo que predominem escritoras mulheres nos exemplos estudados enquanto romances de filiação, Scliar destaca-se pela grande preocupação com a ancestralidade. Seu papel é relevante “na questão da filiação e da afiliação, que não se aplica unicamente em relação à família propriamente dita, mas aos ancestrais intelectuais, espirituais e afetivos” (p. 159).

Esses autores, entre vários outros, revelam de que maneira (a)os herdeir(a)os configuram seu sentimento de uma certa continuidade memorial sem entretanto hipotecar a possibilidade de explorar novos territórios identitários, cada qual levando em conta sua proposta de responder às questões universais e eternas a respeito do elo a ser estabelecido com os ancestrais visando respeitar sua memória e conquistar um lugar bem pessoal na evolução das coisas. **Na terceira parte** o foco recai sobre o imaginário das três Américas. Para Zilá Bernd, elas se caracterizam por “transferências culturais, negociações identitárias e formações culturais híbridas” (3.1). Autores do Brasil, Caribe francófono e Quebec (3.2) entrecruzam seus textos literários com a reflexão sobre as Américas enquanto comunidades imaginadas, etnoculturais e memoriais, evidenciando as transformações nesse contexto multifacetado, multiétnico e pluricultural do continente.

Sustentam a pesquisa renomados especialistas no assunto, entre eles os teóricos alemães Aleida e Jan Assmann, e o professor de língua alemã e literatura comparada na Columbia University, Andreas Huyssen, cujos estudos sobre a memória valorizam o residual, o obliterado ou apagado do registro oficial, incorporando às suas reflexões elementos da esfera do sensível e do simbólico. Assmann contempla o imbricamento das denominações – memória individual, coletiva, social e

cultural –, explicitando-as e apontando para dimensões externas da memória humana. O sentido de memória cultural, associado à memória geracional e o momento do surgimento das memórias têm em Huyssen o teórico de sustentação. A maioria dos autores citados aponta para a relação existente entre o imaginário urbano e as memórias traumáticas, cujo papel é fundamental na transformação das sociedades contemporâneas.

Nas “considerações finais” do segmento “Violência e trauma em autoras de ascendência judaica do Quebec e do Brasil”, e de acordo com Aleida Assmann, o fato de colocarem em perspectiva locais traumáticos, de recordação e geracionais, fez com que “essas diferentes camadas se sobreponham na paisagem da memória como os traços de escrita em um palimpsesto” (p. 102).

Depois da Segunda Guerra Mundial, cabe lembrar, muitos dos sobreviventes dos campos de concentração e extermínio perenizaram a lembrança de seus companheiros desaparecidos, vítimas da barbárie nazista. Esse combate ao esquecimento é retomado no espaço público por escritores que, comumente, o denominarão “dever de memória”, cuja definição mais ampla seria a exortação a não esquecer o que sofreram. Mas se para viver é necessário libertar-se do passado, isto não significa repudiar os mais velhos ou ignorar o reconhecimento que lhes é devido, mas sim ser crítico em relação à tradição e, por meio dela, em relação à herança. Assim: “Entrecruzar dever de memória e dever de transmissão potencializou o alcance das obras em análise, fazendo com que leitores de diferentes latitudes repetissem no ato da leitura a função de revivescência da memória (...) de fazer ressurgir elementos que estavam esquecidos ou recalçados” (p. 103). O dever de memória, entretanto, não é

uma carga sem limites para aqueles que o praticam.

Zilá Bernd incorpora (p. 23), o ensaio *Roman mémoriel* (1989), de autoria da romancista, historiadora Régine Robin, filha de pais judeu-poloneses. Robin, nasceu em Paris, mas vive em Montreal desde 1974. Nesse livro ela reúne narrativas de vida daqueles que foram obrigados a silenciar, notadamente a comunidade judaica; associa memória cultural ao romance memorial ou familiar para conduzir seu leitor a pensar: lembrando de onde partiram é que a(o)s herdeir(a)os podem melhor reconciliar as dimensões passadas e as futuras do seu presente.

Dominique Viart traz ao texto seu estudo de romances que Laurent Demanze, em 2008, denominou parentais ou de filiação, uma vez que se articulam a partir de vestígios encontrados (objetos, cartas, fotos), ou da falta (pais ausentes, transmissão imperfeita, ressentimento); Zilá Bernd sublinha aqui uma das características da literatura francesa contemporânea: a preocupação com a temática da ascendência e da ancestralidade, integrantes das denominadas “escritas de si” (ou do “eu”), nas quais o caráter de interioridade evolui para o de anterioridade, definindo as escritas de filiação. Ao apontar para as especificidades desses romances (memorial e de filiação), a autora explica que, embora ambos sejam formas autoficcionais, diferenciam-se pela ênfase conferida à anterioridade (foco na mãe, no pai, avós ou ancestral mítico).

Em “Notas para uma teoria da transmissão” (p. 27), é enfatizado que: “Memória e transmissão estão intimamente associadas (...) uma não existe sem a outra”. Aqui o antropólogo Joël Candau – estudioso das diversas formas dessa memória compartilhada ou supostamente compartilhada (memória familiar e

genealógica, memória coletiva etc.) e, notadamente, dos aspectos protomemoriais, memoriais e metamemoriais –, é quem lembra: “Transmitir uma memória não consiste apenas em legar um conteúdo, mas em um modo de estar no mundo”. No entender do professor da Universidade de Nice Sophia Antipolis, a memória genealógica e familiar alcança de duas a três gerações. Para esta necessidade de transmitir marcas da passagem pela terra, a filósofa suíça Jeanne Marie Gagnebin, em publicação de 2014, associa morte, escrita e transmissão ligando-as à consciência da finitude. Segundo ela, que vive desde 1978 no Brasil, escrevemos para nos inscrevermos na linha de uma transmissão intergeracional.

Aleida Assmann vem ao texto para dizer que a memória (ou a recordação) é permeada pela alternância de presenças e ausências; se algo é lembrado é porque não está presente, mas sim depositado em “outro lugar de onde se possa resgatá-lo”; o desaparecimento é temporário, mas requer armazenamento em suportes que salvaguardem memórias, de onde possam ser recuperadas e reativadas. Daí a importância dos *mediuns* de memória: escrita, arquivos, bibliotecas, museus, dentre outros meios que, apesar do desaparecimento do seu contexto, assegurem a memória. Ainda para Assmann (p. 29), a possibilidade de conservar e arquivar em diferentes mídias torna crucial a questão da conservação. J. Candau reforça o problema da “proliferação de informações, bibliotecas, museus, imagens em nível jamais visto”, que se soma à tendência a “tudo conservar, musealizar”. Daí, segundo Bernd, provavelmente o paradoxo da incapacidade de transmitir, pois, se de um lado há excesso de expansão memorial, do outro há dificuldade de interlocução entre os quadros sociais, importantes à transmissão, considerada pela autora como aporia da modernidade tardia: “a expansão

descontrolada da memória leva a crises identitárias pela precarização dos meios sociais que viabilizam a transmissão” (p. 29).

Ao tratar da “transmissão geradora de sentido”, a autora de *A persistência da memória* evoca os vestígios memoriais dos escravos do Caribe vindos da África, inscritos nas obras de Maryse Condé, Simone Schwartz-Bart e Patrick Chamoiseau, cuja construção identitária acontece no quase vazio memorial. O martiniquenho Edouard Glissant lembra que foi como “migrantes nus” que os escravos chegaram às Américas. Por meio das vigílias, dos cantos, das rezas, das artes de fazer e de trechos de epopéias é que ocorria o processo de transmissão, esclarece a autora; é do filósofo, dramaturgo, ensaísta, e, acima de tudo poeta sensível, autor da *Poética da relação*, o neologismo “Digênese”, termo que questiona a noção de origem, empregado para descrever a situação dos escravos nas Américas, oposta à ideia de filiação única, pois, segundo Zilá Bernd, a gênese crioula, devido aos deslocamentos e às mestiçagens, pode ser contestada se pensarmos que as famílias escravas foram separadas, logo em seguida à sua chegada no Novo Mundo; e, devido à ausência de ancestrais, perderam a origem de seu substrato simbólico.

Patrick Chamoiseau, consagrado autor de *Texaco* (1992), em *La matière de l'absence* (2016) também traz sua contribuição à antologia para exaltar a figura do *conteur* nas vigílias fúnebres e seu papel de “guerreiros do imaginário” na preservação desse estoque memorial. Segundo Chamoiseau, também originário da Martinica, esses ancestrais vindos da África sofreram de “dismnésia”, enfraquecimento da memória, dificuldade em evocar lembranças, o que se deve à obrigação de identificarem-se com a cultura de seus senhores. Qualquer manifestação de sua

própria cultura seria considerada perigosa pela ordem escravista.

Anne Muxel (mecanismos de transmissão; atravessadores culturais; função de revivescência), Laurent Demanze (memórias envergonhadas ou feridas; herdeir(a)os problemáticos), Pierre Ouellet (migração dos conceitos e refundação dos mitos), são teóricos que se destacam entre outros para realçar a função da transmissão, objetivo desta **Parte II**, que antecede a análise dos romances, a seguir.

Ao final, Simon Harel, Pierre Ouellet e Patrick Imbert contribuem para responder às interrogações sobre as noções de comunidade de memória, redefinições identitárias e senso comum, mutações e compartilhamentos. Eles “pensam a nação na perspectiva transversal e inter-relacional com as demais nações das Américas e evitam cair na armadilha do pensamento binário, que implica necessariamente exclusões” (p.137). Aqui Alain Gagnon e Simon Harel abordam questões relativas às coletividades etnoculturais e comunidades culturais; Pierre Levy vem falar em redes de inteligência ou interativas (comunidades de saber) e Pierre Ouellet apontar para a importância das comunidades de memória no contexto atual de mobilidades culturais.

Apresentadas as partes que compõem *A persistência da memória em textos literários*, relacionados os principais teóricos que sustentam o pensamento da autora ao longo dos artigos que compõem a antologia, cabe sublinhar a afirmação de que o herdeiro deve se sentir livre para aceitar ou não o legado de sua herança, salientando, contudo, que é a partir dos rastros memoriais que construímos o identitário individual e coletivo.

Com sua capacidade ímpar e clara de lidar com as mais diversas teorias, transformando em fácil e agradável leitura o que poderia ser complexo, servindo-se de

motivadoras epígrafes para iluminar os capítulos, Zilá Bernd aborda – com apoio da pluralidade de autores que compõem o *corpus* ficcional (brasileiros: Moacyr Scliar, Adriana Lisboa, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Eliana Brum, Cintia Moscovich e Tatiana Salem Levi; quebequenses: Catherine Mavrikakis, Francine Noël e Louise Dupré; antilhanos: Simone e André Schwartz-Bart) – os meandros da memória, na origem muitas vezes dos conflitos de nossa época, levando dessa maneira o leitor a ouvi-los, a senti-los, e a compreendê-los de seu interior.

Ao cumprimentá-la pelo recente lançamento do livro, agora também publicado em francês, Jean-François Côté<sup>3</sup> reconhece o que é consenso entre os pares da pesquisadora: Zilá Bernd está sempre na vanguarda, “permanece um modelo do mundo acadêmico, com um interesse e uma paixão que não se podem negar!” No dizer de Plínio Mósca<sup>4</sup>, a autora celebra a

---

<sup>3</sup> Escritor, professor de Sociologia da UQAM, estudioso das Américas. A versão em francês, intitula-se *La persistance de la mémoire*; romans de l'antériorité et leurs modes de transmission intergénérationnelle. Editora: Société des écrivains de Paris. Tem prefácio de Robert Dion, professor da Université du Québec à Montréal (UQAM). Para mais informações consulte os seguintes links:

<https://www.societedesecrivains.com/la-persistance-de-la-memoire.html/>

[https://www.amazon.fr/dp/B07H157HT8/ref=sr\\_1\\_9?s=books&ie=UTF8&qid=1535836091&sr=1-&keywords=Transmission+interg%C3%A9n%C3%A9rationnelle](https://www.amazon.fr/dp/B07H157HT8/ref=sr_1_9?s=books&ie=UTF8&qid=1535836091&sr=1-&keywords=Transmission+interg%C3%A9n%C3%A9rationnelle)

<sup>4</sup> Estudioso de museus, teatro e literatura, sua declaração ocorreu por ocasião da apresentação do livro, em 28 de setembro de 2018, no Salão Mourisco da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. *A persistência da memória* foi o centro do debate na Roda de Leituras de Laura Rangel, com a participação da professora, escritora e poeta Maria do Carmo Campos (debatedora). Segundo Mósca, uma “tarde memorável, para usar uma expressão afinada com a temática da palestra”.

humanidade acima de tudo! Mósca sublinha ainda que “as preciosas horas de leitura de *A persistência da memória*, serão transformadas em enriquecedora convivência intelectual”.

Voltando ao ponto de partida, na capa o reconhecido e instigante quadro do artista surrealista Salvador Dalí, intitulado *A persistência da memória* (1931)<sup>5</sup>, frequentemente referenciado na cultura popular, imagem que deu origem à primeira parte do título do livro para associar à memória cultural os elementos da esfera do sensível e do simbólico. É como se Dalí “quisesse expressar que a noção de memória remete sempre à de esquecimento”; e que este não é o contrário da memória, mas parte essencial de sua composição. À frente, na Apresentação desse livro denso e repleto de significados lê-se: “É como se – através da imagem dos relógios distorcidos – o artista quisesse expressar que a noção de memória remete sempre à de esquecimento, sendo memória e esquecimento as duas faces da mesma moeda. (...) Não seriam esses relógios a representação da ‘busca do tempo perdido’? Não estaria Dalí, do mesmo modo que Proust, em busca do tempo perdido?” (p. 16)

Zilá Bernd, com seus múltiplos exemplos em *A persistência da memória*: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional, analisa nossa relação, sempre insatisfeita com o passado, e os perigos do que Régine Robin denomina “memória saturada”, uma das formas do esquecimento. A aparente ambiguidade desta fórmula traduz, todavia, uma posição identitária límpida: o passado não pode ser esse lugar em que se habita eternamente, onde se concebe o futuro, e onde nos refugiamos para enfrentar a complexidade e a incerteza do presente. Ao contrário, o passado deve ser continuamente redimido pela ação e pelo questionamento dos contemporâneos, tendo em vista a construção de um futuro aberto.

---

<sup>5</sup> Muita gente quer saber o que representa essa imagem, localizada na coleção do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque. “Toda a minha ambição no campo pictórico é materializar as imagens da irracionalidade concreta com a mais imperialista fúria da precisão”. Esta frase de Dalí resume a pintura; os elementos irrealis – relógios derretidos – misturam-se com imagens familiares aos olhos humanos, criando uma impressão de que eles realmente estão ali. Ao fundo, um penhasco e o mar no horizonte, imagem do local onde Dalí vivia em Barcelona. Neste quadro, ele preferiu retratá-las sem qualquer **símbolo metafórico**, limitando-se ao real. [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Persist%C3%Aancia\\_da\\_Mem%C3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%Aancia_da_Mem%C3%B3ria)